

“REPRESENTAÇÕES ICONOGRÁFICAS DO AULOS NA PINTURA DOS VASOS ÁPULOS: RELAÇÕES INTERCULTURAIS GRECO-INDÍGENAS NA MAGNA GRÉCIA (SÉCULO V E IV A.C.).”

JOÃO PEDRO VITORIANO FABRI¹; FABIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – joaopedrofabri@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa integra parte de um projeto da área de Ciências Humanas, mais especificamente de História, orientado pelo Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira, intitulado “Iconografia da música nos vasos itálicos e outros suportes (coroplástica, numismática, pintura mural e glíptica). Estudo do ambiente intercultural greco-indígena da Magna Grécia no contexto dos processos de colonização e descolonização grega”, com apoio do CAPES, CNPq, Fundação Humboldt (Alemanha), Escola Francesa de Roma e Centro Jean Bérard/Nápoles.

Tem como enfoque o estudo da iconografia dos instrumentos musicais, mais em específico o *aulos* (instrumento de sopro grego), representados na pintura dos vasos ápulos - nome dado à cerâmica de tradição grega produzida no Sul da Itália, no contexto da formação cultural de colonização grega (séc. VIII – III a.C.). Estudam-se aqui em especial os vasos produzidos inicialmente na cidade grega de Tarento, mas depois também em núcleos urbanos indígenas da Apúlia (região da Magna Grécia), especificamente em duas técnicas: figuras vermelhas e sobrepintados (com adição de policromia, chamados “di Gnathia”), e confeccionados entre fins do século V e inícios do século III a.C. Visto isso, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a importância dos instrumentos musicais no cotidiano e vida local da região, bem como os simbolismos a eles associados, levando-se em conta a cultura material nessa análise.

Foram usados diversos autores, para discutir a interpretação teórico-metodológica do presente trabalho. Uma questão teórica importante, por exemplo, são as relações entre a tradição escrita e a imagética. Os documentos iconográficos e os documentos literários possuem interpretações independentes uma com relação à outra, podendo até serem opostas e incompatíveis entre si (CERQUEIRA, 2000, p.3. DUGAS, 1960, p.59), visto que cada tipo de fonte se insere em um programa de verdade próprio. Sob esta perspectiva teórica, temos que analisar a que grupos estão diretamente ligadas às produções cerâmicas com as quais trabalhamos.

Isso acarretaria um segundo questionamento teórico: a escolha dos temas pintados nos vasos, de quem é o interesse e a escolha por eles? De acordo com Cerqueira, muitas vezes, essa escolha partia do encomendador, senão, era livre escolha do pintor. O que pintar, porém, não deixa de ser influenciado pela sociedade em que o pintor está inserido, podendo por exemplo representar algum esquema cenográfico de alguma peça teatral que tenha marcado época, ou de alguma estátua ou personalidade importante. Podia haver também a influência de tradições orais distintas, com suas variações regionais, que suscitam o interesse de filósofos e poetas. Finalmente, o tipo de uso ou significado associado às

diferentes formas de vaso, em diferentes momentos e regiões, podia interferir ou inspirar a escolha temática e abordagem. (CERQUEIRA, 2000, p.3-4).

Outro problema teórico que a análise iconográfica enfrenta são as diferentes orientações na explicação e narrativa histórica da documentação iconográfica. Por um lado, temos a iconografia descritiva positivista, e por outro a histórico-interpretativa. A primeira é predominante no campo da Arqueologia Clássica, e possui enfoque em o que as imagens aparentam ser na superfície, propondo que a leitura dessas pinturas sejam o mais próximas do real, do que do imaginário da época. Por um outro lado, a histórico-interpretativa possui enfoque na busca dos sentidos escondidos por de trás do fenômeno descritível (CERQUEIRA, 2000, p.4). É importante ressaltar questões gerais, como a análise de conjunto de símbolos e signos que essa cultura possui em um todo. Isso demonstra como as imagens possuem sua lógica própria e como devem ser interpretadas e compreendidas por uma base de signos e significados que vão além do que o denotativo consegue nos mostrar (CERQUEIRA, 2000, p.4. LISSARAGUE & SCHNAPP, 1981, p.284).

Vale também ressaltar a importância da reflexão sobre o sentido nos estudos iconográficos. As pinturas seriam ou representações do cotidiano da vida da época, ou seriam simbolismos da cultura daquela época? Isso cai no problema teórico chamado de paradoxo tríplice, onde ao lidarmos com a interpretação das imagens, percebemos dicotomias entre o nível do real e do idealizado, o nível do cotidiano e de temas míticos, e o nível do sentido denotativo e conotativo. No Plano Arqueológico, há uma separação dessas dicotomias, e é feita uma análise delas em separado, porém nas maiorias das vezes é muito complicado efetuar essas separações analíticas, visto que no Campo Artístico, nem o pintor, nem o público que recebia essas pinturas, veria uma separação desses elementos, tão misturados e difundidos no imaginário da época. (CERQUEIRA, 2010, p.220).

2. METODOLOGIA

A metodologia incluiu duas etapas: 1ª) levantamento de representações do *aulos* (instrumento musical grego de sopro, composto por dois tubos, de embocadura dupla, com uso de palheta de junco) na pintura dos vasos ápuos; 2ª) elaboração, com base neste levantamento, do catálogo temático descritivo da iconografia do *aulos*.

A partir disso, produziu-se uma ficha técnica descritiva e classificatória, para cada um dos vasos portadores de representação visual do *aulos*. Nelas, foram levantadas as informações com relação à ficha técnica de cada vaso, procurando os seguintes critérios: 1) Forma; 2) Cidade; 3) Instituição; 4) Número de inventário; 5) Centro de produção; 6) Proveniência; 7) Técnica; 8) Atribuição; 9) Cronologia; 10) Descrição.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento, o levantamento incluiu 98 museus, perfazendo o total de 101 vasos fichados em um inventário somente de vasos com representações de *aulos*, sendo eles 52 ápuos (46 com técnica de figuras vermelhas e 6 com técnica Gnathia), 6 lucânicos, 6 campâno, 2 etruscos, 3 paestanos e o restante sendo 32 vasos áticos. Eles estão conservados em vários museus em países como: Alemanha, Austrália, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão, Países Baixos, Polônia, Rússia, Suécia e Suíça. É importante ressaltar que estamos em uma fase de

revisão de todo material levantado, a qual se encontra em processo, visto que há vasos repetidos, pelos levantamentos feitos em fontes variadas.

4. CONCLUSÕES

Enquanto estamos elaborando as fichas de inventário e o catálogo, na sequência da pesquisa, junto do meu orientador, interpretaremos a partir deste repertório imagético, a relação do *aulos* nas práticas cotidianas no Sul da Itália, tanto dos cidadãos itálicos (gregos descendentes dos colonizadores) quanto dos povos itálicos (etnias indígenas parcialmente helenizadas) à época da colonização grega e evidenciaremos a importância da música e dos instrumentos musicais em atividades diversas, como a religiosidade e esporte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERQUEIRA, F.V. A iconografia dos vasos gregos antigos como fonte histórica. **História em Revista**, Pelotas, v.6, p.1-7, 2000.

CERQUEIRA, F.V. Digressões sobre o sentido e a interpretação das narrativas iconográficas dos vasos áticos: o caso das representações de instrumentos musicais. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**. São Paulo, 2010, v.20, p.219-233.

DUGAS, Ch. **Reccueil Charles Dugas**. Paris: De Boccard, 1960.

LISSARRAGUE, F. & SCHNAPP, A. "**Imagerie des Grecs ou Grèce des imagiers?**". **Le Temps de la Réflexion 2**. Paris: Gallimard, 1981, p. 275-297.